

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

Ingrid Muszalska Claro Gomes

Sua Majestade, A Mamãe

São Paulo

2024

INGRID MUSZALSKA CLARO GOMES

Sua Majestade, A Mamãe

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para a graduação no Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Camila Santos Lima Fonteles.

São Paulo

2024

[...] Mãe e filha, que terrível combinação de sentimentos, confusões e destruições. Tudo é possível e tudo acontece em nome do amor e da consideração. Os defeitos da mãe devem ser herdados pela filha, os cálculos falsos da mãe devem ser regularizados pela filha, a infelicidade da mãe deve ser a felicidade da filha, - É como se o cordão umbilical jamais tivesse sido cortado. A infelicidade da filha é o triunfo da mãe, o luto da filha é o prazer secreto da mãe.

(Ingmar Bergman)

Resumo

GOMES, Ingrid Muszalska Claro. **Sua Majestade, A Mamãe**

Este trabalho teve como objetivo discutir a noção de mãe narcisista, compreendendo este conceito a partir do Transtorno de Personalidade Narcísica (TPN) identificado desde o DSM-IV. Para tal fim, foi realizada uma pesquisa teórico-bibliográfica na perspectiva psicanalítica. A partir dessa fundamentação teórica reflexões foram tecidas sobre as diferentes definições psicanalíticas de narcisismo, revisitando as origens do conceito, remontando ao mito grego de narciso. Foram discutidas a relação mãe-filho(a), desde as concepções socialmente construídas sobre a maternidade, com destaque para o mito do amor materno. Exploramos as características diagnósticas do Transtorno de Personalidade Narcisista e sua expressão nos comportamentos maternos, que muitas vezes se manifestam como abusivos e negligentes. Apesar da disseminação do termo mães narcisistas no senso comum, o TPN é um diagnóstico distinto e que tem repercussões específicas quando esses sujeitos acometidos pelo transtorno também são mães. Ao analisar o contexto geral das mães narcisistas, destaca-se um padrão caracterizado por um foco excessivo em si mesmas, busca por validação externa e dificuldade em reconhecer as necessidades emocionais de seus filhos. Essa dinâmica narcisista pode impactar o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, influenciando suas percepções de si mesmas e do mundo ao seu redor.

Palavras-chave: narcisismo; maternidade; psicanálise.

Abstract

GOMES, Ingrid Muszalska Claro. **Her Majesty, the Mother**

This work aimed to discuss the notion of the narcissistic mother, understanding this concept from the Narcissistic Personality Disorder (NPD) identified since the DSM-IV. To this end, a theoretical-bibliographic research was conducted from a psychoanalytic perspective. Based on this theoretical foundation, reflections were made on the different psychoanalytic definitions of narcissism, revisiting the origins of the concept and tracing back to the Greek myth of Narcissus. The mother-child relationship was discussed, starting from socially constructed conceptions of motherhood, with emphasis on the myth of maternal love. We explored the diagnostic characteristics of Narcissistic Personality Disorder and its expression in maternal behaviors, which often manifest as abusive and neglectful. Despite the widespread use of the term narcissistic mothers in common parlance, NPD is a distinct diagnosis with specific repercussions when individuals affected by the disorder are also mothers. By analyzing the general context of narcissistic mothers, a pattern characterized by an excessive focus on themselves, a search for external validation, and difficulty recognizing their children's emotional needs stands out. This narcissistic dynamic can impact the emotional and psychological development of children, influencing their perceptions of themselves and the world around them.

Keywords: narcissism; motherhood; psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
MÉTODO	9
Capítulo 1: O Narcisismo	11
1.1 O Mito de Narciso	11
1.2 Narcisismo, Freud e Pós Freudianos	13
Capítulo 2 – Maternidade	20
2.1. Diferenciação de mães narcisistas e mães não narcisistas	20
2.2. O Ideal de maternidade	21
2.3. Narcisista é a mãe	25
Capítulo 3 - Mães Narcisistas	28
3.1 O que é uma mãe narcisista	28
3.1.1 Transtorno de Personalidade Narcísica e DSM-V	28
3.1.2 O impacto do narcisismo materno nos filhos	28
3.2 Caracterização das mães narcisistas	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36

Introdução

O termo narcisismo tem origem no mito grego de Narciso, de Ovídio. Narciso era um belo jovem que, ao ver o reflexo de sua imagem na água, apaixonou-se por si mesmo e ficou tão obcecado por sua própria beleza que acabou morrendo afogado buscando seu próprio reflexo na água. O mito é uma representação do que posteriormente pode ser caracterizado como narcisismo patológico.

No senso comum, o narcisismo é comumente utilizado para se referir a uma pessoa que ama a si mesma demais, se considera superior aos outros e que só se preocupa com seus próprios interesses, tudo isso associado a características como vaidade, egocentrismo, arrogância e falta de empatia. No entanto, o conceito de narcisismo na psicanálise é mais complexo e abrange uma ampla gama de manifestações, sendo definido como o investimento libidinal no próprio ego. Esse investimento faz parte da constituição do sujeito, mas pode também ser patológico.

Freud (1914/1916) aborda inicialmente o conceito de narcisismo como algo necessário para que o bebê desenvolva um sentimento de self, de identidade. Sendo o narcisismo primário uma fase inicial do desenvolvimento psíquico, em que o bebê não distingue o mundo externo de si mesmo, isto é, o bebê se vê como um todo, sem fazer distinções entre suas características positivas e negativas. Neste momento também, toda a família e núcleo social se volta para o bebê, sendo ele o foco principal de todas as relações, uma espécie de rei no ecossistema em que ele vive, no narcisismo secundário, o bebê já começa a diferenciar o mundo externo de si mesmo. Ele começa a investir libidinalmente em objetos externos, como a mãe, mas também mantém um investimento libidinal no próprio ego.

A maternidade é um tema que está intimamente ligado ao narcisismo. A mãe, ou quem faz essa função, é a primeira figura de amor e identificação para o bebê. Ela desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do narcisismo primário e secundário. No entanto, se pensarmos pelo viés do narcisismo patológico, quando falamos em mães narcisistas, a situação se inverte e podemos observar uma série de repercussões dessa relação mãe narcisista-filho(a).

É importante diferenciarmos aqui a maternidade enquanto amor ideal e uma relação real. Não se trata de considerar a maternidade enquanto relação de amor incondicional. O mito do amor materno pode ser uma fonte de sofrimento para mães e filhos, pois pode criar expectativas irreais sobre o que é ser mãe e ser filho.

Elisabeth Badinter (1985) cunhou o termo “mito do amor materno”, que diz respeito a uma construção cultural e social de que toda mãe ama incondicionalmente seu filho e que todo filho é amado incondicionalmente por sua mãe. Esta ideia, é trazida como mito, justamente por ser fruto de anos de uma aproximação do lugar da mulher ao lugar de mãe. No entanto, a realidade é que as relações mãe-filhos são complexas e envolvem uma variedade de emoções, incluindo amor, raiva, frustração e ciúme.

O conceito de mãe narcisista é um conceito moderno, que ainda tem pouca bibliografia a respeito. O DSM-IV (1994) descreve como um sujeito em que falta de empatia, tem necessidade de ser o centro das relações, tem um padrão de grandiosidade, baixa autoestima e busca de aprovação. Ele se refere a mães com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Narcísica. As mães com este diagnóstico tendem a ter comportamentos abusivos com os filhos, o que tende a gerar um ambiente familiar hostil em que os familiares ficam à mercê dos desejos e ordens das mães.

Diante deste cenário, este trabalho objetiva analisar o narcisismo nas relações mãe-filho(a), à luz da psicanálise freudiana. Ao longo deste trabalho, pretendo: a) investigar o conceito de narcisismo na perspectiva psicanalítica freudiana; b) discutir o conceito de narcisismo enquanto Transtorno de Personalidade Narcísica; e c) relacionar os conceitos de Narcisismo à maternidade e analisar as repercussões da maternidade narcisista na constituição dos(a)s filhos(as)

A escolha deste tema se dá em detrimento da lacuna acadêmica na literatura. Muito se fala sobre narcisismo e maternidade na psicanálise. Contudo, ao procurar mais sobre mães narcisistas e relação mãe narcisista e filho(a) encontrei pouca bibliografia a respeito.

Sua relevância justifica-se por se tratar de um tema importante no entendimento das dinâmicas familiares e interpessoais, particularmente no contexto da psicanálise. O estudo das relações mãe-filho sob a influência do narcisismo lança luz sobre complexas interações psicológicas e emocionais que moldam o desenvolvimento individual e interpessoal desse filho.

A ausência de obras dedicadas especificamente a essa temática ressalta a necessidade de investigações mais aprofundadas e analíticas. Compreender como o narcisismo materno pode afetar a formação da identidade e o funcionamento psíquico dos filhos é essencial para oferecer mais recursos para a pesquisa em psicanálise clínica e, conseqüentemente, promover intervenções mais eficazes.

No primeiro capítulo desta obra pretendo estudar o narcisismo, primeiramente sua origem, a partir do Mito de Narciso e posteriormente suas evoluções enquanto tema da psicanálise, por meio de autores como Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan. Em seguida, no segundo capítulo, explorarei a maternidade, inicialmente comentando o ideal de Maternidade, de Elisabeth Badinter e o contexto histórico da maternidade. Por fim, no último capítulo analisarei mais especificamente o tema mães narcisistas, sob a ótica de autores contemporâneos.

Método

A pesquisa em questão consistiu em um estudo teórico bibliográfico, conduzido por meio da coleta, leitura e análise crítica de materiais relacionados ao narcisismo. O enfoque desta investigação repousa na psicanálise, utilizando uma base teórica fundamentada nos conceitos psicanalíticos para explorar e debater as complexidades inerentes ao tema.

A psicanálise é uma disciplina teórica, cuja prática clínica é profundamente influenciada pelas elaborações conceituais de seus fundadores e por uma extensa tradição de pensamento teórico. Portanto, a pesquisa teórica não só válida, mas também enriquece a prática clínica, fornecendo suporte conceitual sério que permite aos analistas compreenderem e interpretar os fenômenos observados em seus pacientes de maneira mais profunda e sofisticada. (Garcia-Roza, 1991)

Além disso, a pesquisa teórica em psicanálise desempenha um papel crucial na manutenção da relevância e da vitalidade da disciplina em um contexto científico e cultural em constante evolução. Ao buscar responder aos desafios e críticas apresentados os psicanalistas são levados a reavaliar e aprimorar suas teorias, adaptando-as às demandas e descobertas contemporâneas. (Garcia-Roza, 1991)

Para garantir uma abordagem abrangente, realizou-se a coleta de textos nos indexadores Scielo, Pepsic, repositórios de teses e dissertações das universidades e na Biblioteca Virtual da PUC/SP, abrangendo o período dos últimos 10 anos. Os descritores de busca utilizados foram criteriosamente selecionados e incluíram termos como "Narcisismo", "Narcisismo e Maternidade", "Mães Narcisistas" e "Narcisismo mãe e filho". Essa busca visa incorporar as mais recentes contribuições acadêmicas e perspectivas contemporâneas sobre o assunto.

Além da consulta aos indexadores, uma atenção especial foi dedicada à leitura e análise crítica de obras fundamentais de Sigmund Freud. Títulos como *Introdução ao Narcisismo* (1914) foram explorados para enriquecer o embasamento da pesquisa. Autores como Elisabeth Badinter, Vera Iaconelli e a Michèle Benhâim também são considerados em suas ideias.

Este estudo teórico não se limita a uma revisão da literatura existente; ao contrário, visa proporcionar um ambiente propício para discussões e reflexões críticas. Busca-se, assim, avançar no entendimento do narcisismo, explorando suas ramificações e implicações psicológicas, contribuindo para o desenvolvimento de novas perspectivas e reflexões na área.

Ao adotar uma abordagem psicanalítica e incorporar fontes contemporâneas, esta pesquisa aspira não apenas expandir o conhecimento existente sobre o narcisismo, mas também estimular o pensamento crítico e promover avanços no campo psicanalítico.

1. O Narcisismo

1.1 O Mito de Narciso

Para falar sobre narcisismo, é necessário conhecer a história grega de Narciso, tendo como sua versão mais conhecida a descrita pelo poeta Ovídio, no livro *Metamorfoses*.

Narciso era filho de Cefiso (um rio) e Liríope (uma ninfa) e assim que ele nasceu, seus pais ficaram espantados com tamanha beleza. Tendo em vista toda a perfeição de Narciso, Liríope ficou com medo de que sua beleza fosse considerada uma afronta aos deuses, então decidiu procurar Tirésias - um profeta idoso e cego que podia enxergar o futuro - para lhe perguntar sobre seu filho. Tirésias respondeu que Narciso teria a possibilidade de ter uma vida longa, caso não visse seu próprio reflexo e, portanto, que não tivesse consciência da sua beleza, pois esta seria a sua perdição. Narciso cresceu e tornou-se um belo caçador, cobiçado por muitas ninfas e donzelas de toda Grécia, todavia ele era soberbo e frio e não demonstrava interesse em nenhuma delas.

Havia uma ninfa chamada Eco que morava no Olimpo e acompanhou Hera quando esta casou-se com Zeus. Eco costuma distrair Hera com suas conversas e cantos para que Zeus pudesse sair e traí-la com outras mulheres. Quando Hera ficou sabendo sobre a trama dos dois, ficou tomada de ciúmes, rogou uma praga em Eco que ela só poderia se comunicar por meio de repetições e expulsou-a do Olimpo.

Eco foi então morar na Grécia e ficou perdidamente apaixonada por Narciso. A jovem costumava segui-lo por onde andasse, mas nunca teve seu amor correspondido. Ela ficou tão chateada que se isolou em um lago e teve seu corpo transformado num rochedo. Chateadas com o ocorrido, outras ninfas amigas de Eco, procuraram por Nêmesis, a deusa da vingança, e ela lançou um feitiço sobre o caçador, o do amor impossível – Narciso se apaixonará profundamente, contudo pela sua própria imagem – e o feitiço se concretizou.

Certo dia, Narciso estava caminhando à beira de um rio, quando parou por um momento à beira de um rio para beber um pouco de água e se deparou com seu reflexo formado nas águas. Ele não se reconheceu, mas ficou completamente encantado e enamorado com a sua própria imagem que tentou alcançá-la e acabou se afogando.

A deusa do amor, Afrodite, sentiu compaixão por Narciso e decidiu transformar seu corpo em uma flor amarela que cresce à beira dos rios e recebeu o nome dele. Frequentemente, essa flor cresce com uma inclinação para baixo, o que simboliza a posição de Narciso admirando seu reflexo. Ademais, a flor também é associada a ele por sua beleza, fragilidade e vida curta.

O mito é repleto de metáforas que refletem a posição de Narciso, Eco e dos acontecimentos ao longo da história. Primeiramente, Narciso, que era desejado e amado por todas as mulheres da Grécia por sua tamanha beleza, mas não as correspondia, isto é, não as ouvia. Não há na história de Ovídio relatos de diálogos de Narciso com essas admiradoras. É como se algo da ordem do visual tivesse estruturado estes encontros, o que reforça a semântica de Narciso, aquele que fascina com sua beleza.

Ao lado, temos Eco, aquela que foi castigada e não tem mais o controle de sua voz, somente ecoa, que Carneiro (2007) caracteriza como complexo de repetição - algo que ressoa. Sendo assim, podemos compreender a voz de Eco como a própria voz de Narciso, pois ela não tem a liberdade de falar, ela somente ressoa a fala de seu amado. É possível haver uma dúvida quanto à criticidade nas falas de Eco, por conta de sua escolha de pontuações, tornando perguntas em afirmações, por exemplo. Todavia, ressalta-se que era apenas uma ilusão, como o próprio Ovídio destaca enganado pela sensação da voz que respondia. Diante deste cenário, da imagem ilusória, quando Narciso expressa *Iste ergo sum*, que significa: penso, logo existo, e sua imagem refletida não reproduz a linguagem, ele é conduzido para um processo de autoconhecimento, dividido entre os enganos e verdades que subsistiam em Eco, neste momento, pela primeira vez, Narciso, aquele que a todos encanta, é encantado pela sua própria imagem.

Ainda segundo Carneiro (2007), para além das metáforas dos personagens, podemos também elaborar a metáfora do rio. Este que mostra uma imagem, um reflexo na linha d'água que marca a divisão da possibilidade da captura da imagem e da impossibilidade. Ovídio retrata a transformação trágica que ocorre na transição da vida para a morte. Narciso, incapaz de tocar a si mesmo, é consumido pelo amor que arde dentro de si. Da mesma forma, Eco e Narciso desaparecem à sua maneira: Eco, consumida e transformada em pedra rígida, segue seu destino de ser a repetidora da voz até seus últimos dias; Narciso, consumido por seu próprio desejo, retorna ao seu ponto inicial, frio e indiferente.

Para o mesmo autor, o mito de Narciso revela-se como uma poderosa metáfora que transcende sua narrativa mitológica. A história ressoa fortemente com a complexidade das relações humanas, destacando a soberba e a frieza de Narciso, que, apesar de ser objeto de desejo para muitas mulheres, permanece indiferente e inatingível. O silêncio de Narciso em relação às suas admiradoras, descrito por Ovídio, sugere uma dinâmica onde a beleza visual domina, sublinhando a natureza visual do encanto de Narciso.

Além disso, a tragédia de Eco, condenada a repetir palavras sem ser ouvida, reflete a dor do amor não correspondido, transformando-se em um rochedo solitário às margens de um lago. A intervenção de Nêmesis, lançando o feitiço do amor impossível sobre Narciso, desencadeia uma série de eventos que culminam na trágica morte do caçador, simbolizando a perda da própria identidade em uma busca incessante pela imagem perfeita. A transformação final de Narciso em uma flor, cuidadosamente associada à sua beleza, fragilidade e efemeridade, oferece uma conclusão poética ao mito, ecoando as complexidades da vaidade humana e a efemeridade da vida (Carneiro, 2007)

O mito de Narciso, assim, transcende seu contexto mitológico, servindo como uma rica fonte de reflexão sobre as dinâmicas interpessoais, a busca incessante pela perfeição visual e as consequências da indiferença emocional.

1.2 Narcisismo, Freud e Pós Freudianos

O mito grego foi a primeira menção ao radical do narcisismo “narcis”, todavia o termo narcisismo só veio à tona muitos anos depois. Não há um consenso sobre quem cunhou o termo, contudo os primeiros registros datam de 1888, com Alfred Binet (muito conhecido como inventor do quociente intelectual - QI) para se referir a uma pessoa estritamente autoerótica, isto é, que tem a si própria como objeto sexual e se exime de quaisquer outras relações amorosas. Poucos anos depois, em 1898, Havelock Ellis e Paul Näcke publicaram seus estudos sobre narcisismo no texto *Autoerotism: a study of the spontaneous manifestation of the sexual impulse* [Autoerotismo: um estudo sobre a manifestação espontânea do impulso sexual]. Esses autores inicialmente, trataram o narcisismo como uma forma de amor auto direcionada e posteriormente passaram a tratá-lo como uma perversão sexual. (Guimarães e Endo, 2014)

Nas próximas páginas do presente trabalho, pretendo apresentar de modo abreviado a visão de diferentes autores da psicanálise. Por meio da análise da teoria narcísica de psicanalistas como Sigmund Freud, Melanie Klein e Jacques Lacan buscarei subsidiar as ideias que serão desenvolvidas ao longo deste estudo. Aprofundando-me nas nuances da abordagem freudiana, almejo proporcionar uma compreensão mais ampla e profunda do conceito de narcisismo, enriquecendo assim o debate e promovendo uma reflexão crítica sobre os temas abordados.

A análise freudiana, descrita no texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), fornece um alicerce teórico robusto para compreender as dinâmicas psicológicas subjacentes ao mito. Ao explorar a obra percebe-se a perspicácia do autor ao desvelar as complexidades do ego, do narcisismo primário e suas implicações na psique humana. A abordagem psicanalítica de Freud lança luz sobre os elementos simbólicos do mito, revelando camadas mais profundas de significado relacionadas à autoimagem, relações interpessoais e os mecanismos psicológicos envolvidos, destacando a interconexão entre mitologia e psicanálise na compreensão da natureza humana.

Em seus primeiros estudos sobre o narcisismo, Freud o analisa como uma patologia exclusiva dos homossexuais em que haveria uma alocação da libido originalmente para o semelhante em gênero sexual, mas mais profundamente para o objeto sexual de seu semelhante, no caso, o mesmo que o seu próprio. Seria então,

“o narcisismo um complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação”.
(Freud, 1914/2010, p. 34)

Para Freud, o narcisismo estaria fundamentalmente subdividido em dois tempos: o narcisismo primário e o narcisismo secundário. O narcisismo primário seria o narcisismo originário do bebê, em que tudo e todos a sua volta focam nele e ele se vê como o centro do mundo – *Sua Majestade o Bebê* (p. 37). É um momento de autoerotismo, ou seja, há um investimento total da libido em si mesmo. Já no narcisismo secundário, a libido é direcionada ao objeto e somente por meio dele retorna para o eu, havendo um retorno do investimento objetal para o eu. Neste momento, Freud fundamenta a fusão teórica entre a libido do eu e libido do objeto, sendo a primeira a libido direcionada para Eu e a segunda a libido direcionada para o objeto externo. Mas por que seria necessário ultrapassar a libido narcísica e direcioná-la ao objeto? Porque o investimento do eu foi superado, mais precisamente:

[...] que tal necessidade surge quando o investimento do eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar. (Freud, 1914/2010, p. 36)

Em seguida, Freud fundamenta a Teoria da Libido, que diz respeito a uma distinção clara entre os instintos sexuais e do eu. Neste momento, Freud estende o conceito de libido, não mais restringindo-se ao sexual, mas sim como interesse psíquico em geral.

Posteriormente, Freud observou a patologia do narcisismo mais associada aos parafrênicos - como Freud se referia aos esquizofrênicos - (Freud, 1913, p. 165). Para ele, os parafrênicos teriam dois principais sintomas: a) a falta de interesse pelo mundo alheio e; b) a megalomania – associada a uma superestimação do poder de seus desejos - dois sintomas essencialmente egocêntricos e narcísicos. Todavia, diferentemente dos neuróticos ou obsessivos, os esquizofrênicos mantêm a sua relação erótica com o mundo substituindo os objetos reais por objetos imaginários.

Num momento seguinte, Freud conceitua a diferenciação da escolha amorosa entre homens e mulheres. A princípio, na infância haveria uma escolha amorosa e

satisfação sexual autoerótica ligada a autoconservação, por meio do narcisismo primário. Contudo, ao longo da vida, essa escolha amorosa vai se modificando para algumas escolhas possíveis. Havendo dois principais tipos de busca por objeto amoroso, conforme o tipo narcísico e conforme o tipo “de apoio”. No tipo narcísico o sujeito pode procurar por 3 diferentes coisas, o que ela é (a si mesma), o que ela foi, o que ela gostaria de ser ou a pessoa que foi parte dela mesma (buscando concretizar no filho os sonhos que não conquistou). Já no tipo “de apoio” há duas modalidades: a mulher nutriz (que conquista a satisfação por meio do filho) e o homem protetor (que conquista a satisfação por meio do suporte e apoio). (Freud, 1914/2010, p. 36)

Freud afirma que no narcisismo secundário a libido do eu, presente no narcisismo primário, não desaparece totalmente, mas na realidade é reprimida, por meio de conflitos morais e socioculturais. Surge então um ideal do eu dentro do sujeito que está muito distinto do eu real, o que sustenta a teoria da psicologia da repressão, pois a ideia de estar tão distinto do seu eu ideal é insuportável, sendo assim, reprimida.

Logo em seguida, Freud distingue a sublimação da idealização. *A priori*, a existência de um ideal de Eu, aumenta as exigências do eu, favorecendo a supressão para um estado inconsciente desses pensamentos indesejados. Um exemplo de idealização possível seria a superestimação sexual do objeto. Enquanto sublimação seria uma resolução que não necessite da repressão. (Freud, 1914/2010)

Ao embasar minha análise no texto de Freud, estabeleço um ponto de partida sólido para explorar o conceito de narcisismo. Freud oferece uma perspectiva fundamental ao abordar as dinâmicas psicológicas subjacentes ao narcisismo primário e suas implicações na formação do ego. No entanto, ao ampliar meu entendimento, pretendo contextualizar o conceito de narcisismo em outros autores pós-freudianos. Autores como Melanie Klein e Jacques Lacan expandiram e reformularam as teorias freudianas, introduzindo nuances e perspectivas únicas sobre o narcisismo. Ao incorporar essas contribuições pós-freudianas, não tenho como objetivo analisar profundamente a obra de cada um desses autores, mas enriquecer a análise, considerando diferentes lentes teóricas para uma compreensão mais abrangente e contemporânea do fenômeno narcísico. Essa abordagem integrada promove uma visão mais diferenciada do narcisismo, destacando sua evolução ao longo do tempo e a diversidade de interpretações que enriquecem o campo da psicanálise.

Melanie Klein, psicanalista britânica pós-freudiana, dedicou grande parte de sua vida ao estudo de crianças. Com base em seus estudos, Klein formulou a sua teoria com base na existência da posição esquizoparanóide e depressiva. Tais posições descrevem estágios do desenvolvimento infantil e representam diferentes formas de organização psíquica e experiências emocionais. (Klein, 1955/2017)

Na perspectiva de Klein (1981), a posição esquizoparanóide é a primeira que ela descreve em seu modelo teórico; e se refere aos estágios iniciais do desenvolvimento psíquico, que ocorrem nos primeiros meses de vida do bebê. Nessa posição, a criança experimenta o mundo como dividido em partes boas e partes más, projetando seus impulsos agressivos em objetos externos e criando assim, uma realidade interna de objetos internos bons e maus. Nesta posição, a criança vive intensamente seus medos mais primitivos de perseguição e aniquilação, o que leva a uma série de defesas para lidar com esses medos (a identificação projetiva - em que a criança projeta partes de si mesma nos objetos externos; e a introjeção - em que a criança incorpora internamente os objetos bons e maus). A fantasia de ataque e defesa é central nessa posição, e a criança busca se proteger contra a ameaça dos objetos maus.

Já a posição depressiva, uma fase posterior do desenvolvimento, que ocorre por volta dos seis meses a um ano de idade, aproximadamente, a criança começa a desenvolver uma consciência da realidade e da separação entre o eu e o objeto. Ela reconhece que os objetos amados e odiados são a mesma entidade, que eles têm sentimentos e que suas ações têm consequências. Deste modo, a criança passa a experimentar sentimento de culpa e tristeza relacionados à percepção de que seus impulsos agressivos e destrutivos podem ter causado danos ao objeto amado. Ela também desenvolve sentimentos de preocupação e cuidado em relação ao objeto e busca reparar a relação. Essa posição envolve a integração dos objetos bons e maus em uma imagem mais completa e complexa.

A transição da posição esquizoparanóide para a posição depressiva marca também a transição da criança para um estado em que a criança consegue lidar com a ambivalência e a complexidade emocional. A posição depressiva é fundamental para o desenvolvimento do superego.

A posição esquizoparanóide de Melanie Klein não está diretamente relacionada ao conceito de narcisismo freudiano. No entanto, existem pontos de conexão entre os dois conceitos que serão explorados. Enquanto na posição esquizoparanóide de Klein a criança experimenta o mundo como dividido em partes boas e partes más e projeta seus impulsos no meio externo, no narcisismo primário de Freud, o autor trata de um estágio inicial do desenvolvimento psicosssexual, em que o bebê direciona a libido para si mesmo. Freud e Klein compartilham elementos relacionados ao desenvolvimento inicial do self e à formação das relações objetais, abordando a interação entre o eu e os objetos. (Klein, 1981)

Jacques Lacan, psicanalista francês pós-freudiano e um dos grandes expoentes da psicanálise, também elaborou reflexões acerca da constituição do sujeito. Lacan não se refere, em sua obra, ao mito de Narciso, mas há uma relação de semelhança entre o momento em que a criança se vê refletida no espelho e o momento em que Narciso vê o próprio reflexo no rio.

Podemos dizer que Lacan era um grande discípulo de Freud, e acrescentou ao narcisismo primário, o conceito de estágio do espelho. O estágio do espelho, é o momento em que ocorre o narcisismo primário. Neste estágio, que ocorre aproximadamente entre os seis e os dezoito meses de idade, a criança se vê completa e total em frente ao espelho, tornando o próprio reflexo idealizado da criança a sua principal referência de perfeição. Deste modo, assim como Narciso apaixona-se por si mesmo, o mesmo ocorre com a criança, que se vê completamente deslumbrada por seu reflexo. Este processo de enamoramento dá origem ao narcisismo primário. (Lacan, 1985/2013)

No estágio do espelho, a criança desenvolve a consciência de seu corpo e começa a se perceber como um ser separado dos outros. Ela começa a reconhecer que a imagem refletida no espelho é uma representação de si mesma e, assim, constrói uma noção inicial de identidade. (Meyer, 2014)

Essa identificação inicial com a imagem do espelho é um ponto de partida para a formação do ego, a instância psíquica responsável pela mediação entre o eu e a realidade externa. O ego, nesse sentido, é construído em torno da idealização da imagem do eu, alimentada pelo narcisismo. Reforço aqui que há uma identificação

com uma imagem ilusória, tendo em vista que a imagem refletida é apenas uma representação e não a realidade completa do eu. Essa ilusão de completude e perfeição pode ser vista como uma forma de narcisismo, em que o sujeito se apega a uma imagem idealizada e busca validar e afirmar constantemente essa identidade imaginária. (Meyer, 2014)

O estágio do espelho também tem implicações para a constituição do sujeito e a relação com o desejo. A criança, ao buscar se identificar com a imagem refletida, está buscando uma identificação com o outro, ou seja, ela busca ser reconhecida e validada pelo olhar do outro. Isso influencia a maneira como o sujeito se relaciona com os outros e com seu próprio desejo ao longo de sua vida.

Ao longo do próximo capítulo serão aprofundadas discussões sobre a maternidade e como ela pode estar ou não relacionada ao narcisismo. Investigaremos as várias facetas do papel materno, desde a idealização do amor incondicional até as complexidades das relações mãe-filho(a) marcadas por dinâmicas narcisistas. Analisaremos como as mães podem tanto nutrir um ambiente de cuidado e apoio quanto perpetuar padrões de comportamento narcisista que afetam o desenvolvimento emocional e psicológico de seus filhos. Ao examinar essas interações, estaremos atentos às características clínicas do Transtorno de Personalidade Narcisista e como elas se manifestam no contexto da maternidade. Além disso, investigaremos as influências sociais, culturais e psicológicas que moldam as percepções e expectativas em torno da figura materna, contribuindo para a compreensão mais ampla de como o narcisismo pode se entrelaçar com as experiências maternas.

2 - Maternidade

2.1. Diferenciação de mães narcisistas e mães não narcisistas

A maternidade é um dos aspectos mais fundamentais da experiência humana, influenciando não apenas a vida da mãe, mas também a de seus filhos e toda a dinâmica familiar. No entanto, nem todas as experiências maternas são iguais, e é essencial reconhecer as nuances e complexidades que podem surgir na relação entre mãe e filho.

Neste trabalho pretendo analisar o contexto geral das mães narcisistas, caracterizadas por um padrão de comportamento que envolve um foco excessivo em si mesmas, uma busca por validação externa e dificuldade em reconhecer as necessidades emocionais de seus filhos. Esta dinâmica narcisista pode ter um impacto significativo no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, moldando suas percepções de si mesmas e do mundo ao seu redor, algo que pretendo trabalhar nos próximos capítulos.

Neste contexto, torna-se crucial diferenciar entre mães narcisistas e mães não narcisistas ao abordar a maternidade. Enquanto as mães não narcisistas podem exibir uma variedade de comportamentos e estilos parentais, as mães narcisistas apresentam características específicas que podem ter consequências distintas para o bem-estar e o desenvolvimento de seus filhos.

Este capítulo tem como objetivo explorar a importância da diferenciação entre mães narcisistas e mães não narcisistas e examinar as implicações que a dinâmica emocional das mães pode ter na experiência de maternidade e no desenvolvimento infantil, sob uma perspectiva psicanalítica. Ao compreender as ambivalências das mães não narcisistas diante da maternidade, podemos desenvolver estratégias mais eficazes de intervenção e apoio para famílias que enfrentam desafios relacionados à complexidade da relação mãe-filho. Além disso, essa análise psicanalítica nos permite aprofundar nossa compreensão da maternidade como um fenômeno multifacetado, enriquecendo o debate acadêmico e clínico sobre o tema.

2.2. O Ideal de Maternidade

Quando falamos em maternidade logo nos vem à mente uma mãe carinhosa, amável e cuidadosa; àquela que está repleta de amor para dar e cheia de energia para se doar. Entretanto, muitas vezes nos esquecemos do outro lado da maternidade, o lado do cansaço, da dor e até mesmo do ódio. A maternidade pode ser para algumas mães um período de amor e de afeto, mas não deixa de ser um período de raiva e frustração. (Komniski, 2023)

Para Komniski (2023), essa maternidade é idealizada e romantizada, tanto pelas próprias mulheres quanto pela sociedade em geral. No entanto, a realidade das relações humanas nem sempre corresponde a essas idealizações. As mulheres podem se ver confrontadas com sentimentos de inadequação e culpa ao lidar com os desafios práticos e emocionais da maternidade.

Para a mesma autora, a transição para a maternidade é um período de intensa transformação e adaptação para as mulheres. Além das mudanças físicas e hormonais associadas ao parto e ao pós-parto, as mães também enfrentam uma série de desafios emocionais e psicológicos. A necessidade de conciliar a maternidade com outras responsabilidades e identidades pode gerar conflitos internos e sentimentos de inadequação.

Também é importante considerar o contexto contemporâneo ao discutir a maternidade e o nascimento. Nas sociedades atuais, as mulheres frequentemente enfrentam um ritmo de vida acelerado, o que pode influenciar significativamente a forma como elas experienciam a maternidade. A pressão por conciliar múltiplos papéis e responsabilidades pode gerar desafios adicionais no processo de acolhimento do bebê recém-nascido. (Komniski, 2023)

O vínculo entre mãe e filho não é estabelecido desde o momento do nascimento, ele é profundamente complexo e multifacetado. Quase sempre bebê esperado é o bebê recebido. O bebê chega ao mundo como um ser vulnerável e dependente, cuja única necessidade inicial é ser acolhido e cuidado pela mãe. No entanto, a construção desse vínculo não é fácil, e muitas vezes envolve uma série de

desafios e dificuldades emocionais. Como Paula Nogueira Komniski (2023) apresenta no livro *A travessia da maternidade*:

“O bebê que chega é o mesmo das projeções e idealizações parentais? E se não for? (E a verdade é que nunca é) [...]

[...] Ou seja, o bebê sonhado e fantasiado é o bebê da idealização infantil, e a realidade nos conta que a mulher que, quando menina, sonhava em ter dois, três, quatro filhos, se assusta diante do bebê que agora tem em seus braços e silencia a culpa ao se questionar se será capaz de se ocupar deste primeiro que acabou de chegar: é a realidade das relações humanas se impondo, atropelando violentamente a romantização da maternidade. (Komniski, 2023, p. 28)

No livro *Um amor conquistado: O mito do amor materno*, Elisabeth Badinter (1985) nos introduz o conceito de mito do amor materno. Seria esse um amor instintivo pacificado e não ambivalente, o amor mais puro que se poderia ter. Todavia, como o próprio título da obra já nos apresenta, esse amor não passa de um mito. Ele se trata de uma construção social e cultural daquilo que já é esperado da mulher há muitos anos, mas que não é uma realidade em muitos casos.

“A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos deste toda a eternidade na natureza feminina. (Badinter, 1985, p. 15)

E, mais à frente:

Desse ponto de vista, a mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe- “(p. 15 - 16)

Até o século XVIII, o amor materno não tinha a mesma relevância que ganhou mais tarde na sociedade. Durante a Idade Média até o século XVII, as crianças tinham poucos laços com suas famílias. Normalmente, eram entregues a amas de leite ao nascer e só voltavam para casa aos quatro anos, sendo enviadas para internatos ou conventos para educação. Em períodos de alta mortalidade infantil, as famílias não

desenvolviam um forte apego aos bebês. Havia dúvidas sobre se essas mortes ocorriam devido à falta de vínculo afetivo ou ao sofrimento causado pela incerteza da sobrevivência do bebê. (Badinter, 1985)

A partir dos anos 1770, as mulheres foram obrigadas a assumir o papel de mãe, e surgiu a ideia do amor materno como algo natural e instintivo. A visão sobre a criança mudou, e a maternidade se tornou um ideal feminino. Isso foi incentivado pelo Estado devido à necessidade de salvar crianças em meio à alta mortalidade infantil, em um contexto de crise econômica na Europa, em que as crianças eram vistas como futura mão de obra (Zanello, 2016)

Para promover essa mudança, segundo Badinter (1985) foram feitos três discursos às mulheres: um econômico, que via as crianças como investimento produtivo; um filosófico, que as considerava preciosas para a sociedade; e um do Estado, que as colocava como responsáveis pela nação. Assim, a maternidade foi elevada como o ideal máximo de realização feminina, envolvendo sacrifício e abnegação.

A mesma autora aponta que a partir do final do século XVIII, as mulheres passaram a ser vistas como boas mães ao se dedicarem inteiramente aos filhos e ao espaço familiar privado, aceitando a maternidade como um sofrimento necessário e voluntário para a realização feminina.

A maternidade não é um mar de rosas, e junto a ela vem muitas responsabilidades. Se tratando do período da gestação, a figura da mulher ganha um novo papel para além do papel de mulher, o papel de mãe, e junto a ele vem as expectativas dos entes e da própria mulher sobre essa nova função. Há uma confusão de hormônios, já não se trata mais de uma mulher, mas de uma incubadora que está lá para servir ao futuro bebê. As visitas já não são mais feitas para a mulher, mas sim para o bebê e para a mãe. E após o nascimento do bebê as tensões só aumentam, começando pelo corpo que já não é mais o local de abrigo deste novo ser e seguindo com os choros incompreendidos do bebê, as dores da amamentação, as noites mal dormidas, as opiniões alheias não solicitadas e tantas outras intercorrências. Para Komniski (2023) o corpo da mulher passa a ser um lugar de sintoma:

“corpo como lugar de sintoma, corpo que se presta à procriação. Fato que pode nos levar a conceber a gestação de um bebê mais como uma forma de submissão desse corpo.” (Komniski, 2023, p. 52)

Neste contexto, pensamos na ideia da psicanalista francesa Michèle Benhaïm (2007) sobre a condição natural da ambivalência amor-ódio na maternidade. Essa relação de ambivalência não deve ser vista como algo negativo ou patológico. Ela é, na realidade, uma condição natural da maternidade que convive ora com sentimentos negativos de cansaço, dor e raiva, ora com sentimentos positivos e amor, compaixão e cuidado.

No início de sua obra, Benhaïm (2007) propõe a ambivalência da mãe como uma condição natural e não uma patologia, isto é, junto ao nascimento do filho, a mãe tem de lidar tanto com questões relativas a registros sexuais ao registro materno da criança e como forma de elaboração e não de supressão, a ambivalência se condiciona. E diferentemente do que se pode pensar é a ausência da ambivalência que pode vir a se tornar uma patologia.

Para a autora, a ambivalência pode se revelar tanto de forma positiva quanto de forma negativa, mas o ódio originário estará presente em ambas as resoluções. Na positiva ele se mostrará como ódio vital e será simbolizado como amor materno; na negativa esse ódio será o ódio patológico que tem como resolução o abandono.

Se por um lado temos essa mãe ideal que é repleta de amor, do outro Benhaïm (2007) introduz o conceito de mãe “suficientemente cheia de ódio”. Nesse conceito o ódio está instaurado no imaginário, sendo um ódio narcísico que tem como função mascarar a castração que é rememorada no processo de alteridade da criança.

Ao introduzir o conceito de mãe suficientemente cheia de ódio, Benhaïm se ampara no conceito winnicottiano de mãe suficientemente boa. Este se configura numa mãe que cria o filho não de um modo perfeito, mas bom o suficiente para que este cresça de modo saudável. (Lobo, 2024)

De acordo com Winnicott (1958), a mãe suficientemente boa é aquela que consegue atender consistentemente às necessidades básicas da criança, como

alimentação, conforto, segurança e afeto, mas também permite certa frustração e desapontamento, o que é necessário para o desenvolvimento emocional da criança. Essa mãe é capaz de sintonizar-se com as necessidades do bebê, proporcionando uma sensação de continuidade e confiabilidade no ambiente.

O conceito de "mãe suficientemente cheia de ódio", introduzido por Benhaïm (2007), lança luz sobre uma faceta menos explorada da maternidade, onde o ódio desempenha um papel significativo. Esse ódio não é direcionado necessariamente à criança, mas sim ao processo de castração que é rememorado quando a criança começa a desenvolver sua própria identidade e se afastar da mãe. Esse ódio é caracterizado como narcísico, pois está relacionado à preservação do ego da mãe, que se sente ameaçada pela independência emocional e psicológica da criança. Nas mães com transtorno de personalidade narcisista, esse ódio narcísico pode se manifestar de maneiras prejudiciais para o desenvolvimento emocional e psicológico dos filhos. Essas mães muitas vezes veem seus filhos como extensões de si mesmas, e qualquer ameaça à sua própria imagem ou ego pode desencadear respostas hostis. Elas podem sentir inveja ou competição com seus próprios filhos, especialmente se estes começarem a se destacar ou a desafiar a autoridade materna.

Além disso, o narcisismo materno pode levar a uma falta de empatia com as necessidades emocionais da criança, resultando em negligência emocional ou abuso emocional. Portanto, o ódio narcísico presente na dinâmica mãe-filho(a) pode criar um ambiente tóxico e prejudicial para o desenvolvimento saudável da criança, perpetuando assim o ciclo do narcisismo de uma geração para a próxima.

2.3. Narcisista é a mãe

Por que falamos em mães narcisistas e não em pais narcisistas? Segundo a psicanalista Vera Iaconelli (2023), em seu livro *Manifesto antimaternalista: Psicanálise e Políticas da reprodução* há um motivo sócio-histórico para isso. No livro, Iaconelli critica a sociedade maternalista atual, em que a figura materna é colocada como principal figura de cuidado responsável pela criação dos filhos, excluindo a sua subjetividade e particularidades, enquanto a figura do pai fica livre desta responsabilidade.

Segundo a autora (2023), desde o Brasil escravagista, as mulheres (escravizadas, amas de leite e babás) eram responsáveis pela criação e cuidado das crianças e bebês e infelizmente, esse cenário continua o mesmo. Em reuniões escolares de “pais”, quem mais aparecem e são procuradas, na realidade são as mães; se tratando de quando um filho fica doente, quem é cobrada pela falta de zelo e cuidados dos filhos é a mãe; Quando há uma questão judicial que envolve um menor em situação de conflito com a lei, quem a polícia procura? A mãe!

Com a Revolução Industrial, os salários já não eram suficientes para contemplar os gastos familiares e as mulheres se viram obrigadas a trabalhar para ajudar a compor essa renda familiar. Com isso, Iaconelli (2023) destaca que as mulheres que antes eram responsáveis pelo cuidado da família e do lar agora se inserem numa dupla jornada de trabalho, trabalhando em casa e fora.

Há claramente, segundo Iaconelli (2023) uma sobrecarga materna no que tange às responsabilidades de cuidado com a casa e a família e isso influencia diretamente no conceito popular de mães narcisistas. Afinal, por que, repetindo a pergunta do início, ouvimos tanto sobre mães narcisistas e tão pouco sobre pais narcisistas? Isso ocorre, justamente porque, na maioria dos cenários, são essas mães, sobrecarregadas, as únicas que ocupam o papel de responsabilidade de cuidados parentais e não tem a possibilidade de se verem fora deste papel.

Iaconelli (2023) aponta que o termo "mãe narcisista" surge como um reflexo dessa mentalidade maternalista, em que as mães são criticadas por buscar uma vida além da maternidade, enquanto os pais não enfrentam o mesmo julgamento. A autora destaca a importância de reconhecer que a criação dos filhos pode ser compartilhada de maneira igualitária entre os pais, evitando assim o *burnout* materno, ou seja, uma sobrecarga extrema que leva ao esgotamento com sintomas de exaustão, como estresse e episódios de raiva.

Por fim, a autora destaca a necessidade de uma responsabilização coletiva pelos cuidados dos filhos, não somente da mãe:

Cuidar da próxima geração também passa por cuidar das mulheres/mães num primeiro momento, mas, igualmente, passa

por recuperar a responsabilização da sociedade como um todo nas novas gerações. (Iaconelli, 2023, contracapa)

O que pretendo discutir no próximo capítulo não é uma concepção popular e reducionista do conceito de “mãe narcisista”, mas sim, uma perspectiva patológica do conceito de mães narcisistas, segundo o Transtorno de Personalidade Narcísica (DSM-IV).

Apesar da disseminação do termo mães narcisistas no senso comum, o TPN é um diagnóstico distinto e que tem repercussões específicas quando esses sujeitos acometidos pelo diagnóstico também são mães. Que serão discutidas com mais detalhes no próximo capítulo.

3. Mães Narcisistas

3.1 O que é uma mãe narcisista

3.1.1 Transtorno de Personalidade Narcísica e DSM-V

O DSM, por se tratar de uma ferramenta que tem por objetivo padronizar as práticas diagnósticas, por vezes, peca pela generalização e falta de consideração da subjetividade dos sujeitos, objetificando-os. (Dunker e Kyrillos e Neto, 2011). Apesar de compreender as críticas da psicanálise à psiquiatria e ao DSM, esta ferramenta é de suma importância para a psicologia e psiquiatria, enquanto tentativa de estabelecer critérios diagnósticos para os transtornos mentais. Por este motivo, será considerada nesta discussão, lado a lado à teoria psicanalítica mais tradicional.

Mães narcisistas são pessoas com o diagnóstico de Transtorno de Personalidade Narcisista. Segundo o DSM-IV (1994), o Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN) ou Perturbação de Personalidade Narcísica (PPN) se caracteriza por uma falta de empatia, necessidade de ser o centro das relações, um padrão de grandiosidade, baixa autoestima e busca de aprovação. O sujeito com TPN é incapaz de reconhecer emoções alheias e sendo extremamente inflexível.

Outra característica do transtorno narcisista, é o vazio emocional e comumente a concomitância desse diagnóstico com outros transtornos psicológicos. Como resolução, o sujeito narcisista, que não sabe lidar com esses sentimentos de tristeza e solidão, pratica violências físicas (agressões, tapas, socos) e psicológicas (insultos, chantagens emocionais e manipulações) contra alguém, e no caso de serem mães, contra seu filho(a). (Miranda, 2020)

Além disso, o narcisista tem dificuldade em criar conexões profundas, tendendo a ter relações superficiais que evidenciem seu ego, colocando-o como o centro das relações. Deste modo, Sampaio e Santos (2021) mostram que por ter um ego extremamente inflado, o sujeito com TPN, quase sempre é capaz de reconhecer o seu diagnóstico, mesmo com ajuda profissional, recusando qualquer tipo de tratamento, o que acarreta a manutenção desta situação.

3.1.2 Narcisismo sob uma perspectiva psicodiagnóstica psicanalítica

Como apresentado por Elisabeth Roudinesco, no *Dicionário amoroso de psicanálise*, Alfred Binet, psicólogo francês, cunhou o termo narcisismo enquanto fetichismo em que o sujeito se torna seu próprio objeto sexual e exclui da equação qualquer forma de alteridade. Foi justamente de Binet, que Freud adotou o tema, todavia, o pai da psicanálise analisou o narcisismo enquanto fases de desenvolvimento infantil. (Roudinesco, 2019, p. 228 - 229)

Futuramente, já no século XX, Heinz Kohut, psicanalista austríaco, argumenta que estas pessoas muitas vezes enfrentam déficits na formação do self devido à falha na satisfação das necessidades emocionais e psicológicas durante a infância. Como resultado, elas buscam constantemente reforço externo para compensar essa falta, manifestando comportamentos grandiosos, uma necessidade incessante de admiração e uma incapacidade de verdadeiramente se relacionar empaticamente com os outros. (Kohut, 1981) Para o autor, o narcisismo estaria associado a uma perversão:

“[...] entre a loucura e a perversão, que conduz ao furor de destruição do outro e de si mesmo: uma doença praticamente imune aos tratamentos.” (Roudinesco, 2019, p. 229 apud Kohut, 1981)

Pensando no narcisismo enquanto psicodiagnóstico, Otto Kernberg também merece destaque. Para ele, no narcisismo temos um investimento libidinal no ego excessivo e uma conseqüente fragilidade no funcionamento psíquico e nas relações interpessoais. Além disso, as pessoas narcisistas apresentam características como, grandiosidade, necessidade de admiração, falta de empatia, manipulação, autopromoção e inveja. (Miranda, 2020)

Além disso, Kernberg, em sua abordagem sobre transtornos de personalidade narcisista, destaca a presença de um ego frágil e uma estrutura de personalidade narcisista mais rígida e patológica. Ele descreve os indivíduos com narcisismo patológico como sendo propensos à manipulação, à autopromoção e à inveja, além de uma notável falta de empatia pelos outros. Também enfatiza a presença de defesas primitivas, como a divisão entre o eu idealizado e o eu depreciado, que contribuem para uma visão distorcida de si mesmo e dos outros. (Pelisson, 2019)

3.2 O impacto do narcisismo materno nos filhos

Na obra *O Impacto do Narcisismo Materno*, Sampaio e Santos (2021) apontam que mães narcisistas se caracterizam por serem figuras abusivas com os filhos. Por serem incapazes de ter empatia com os outros, elas negligenciam as dores dos filhos e as consideram “dramas”. Apesar de serem pouco empáticas, essas valorizam as aparências externas, então tomam seus filhos - figuras próximas sobre quem tem poder e controle - como o principal alvo dessas relações negativas.

Quando tem mais de um filho, - estas elegem um como figura “protegida” e outro como “vítima” (comumente a filha mulher). A vítima é feita de “bode expiatório”. Como as mães narcisistas têm por característica baixa autoestima, ela escolhe um filho para menosprezar com a finalidade de se sentirem superiores.

Estas, por serem figuras que necessitam ser o centro das relações, tendem a escolher maridos submissos, que se colocam em posição omissa frente aos acontecimentos familiares. Sendo assim, com os filhos violentados e os maridos coniventes, as mães narcisistas têm a capacidade de alterar toda uma dinâmica familiar.

A mãe narcisista, segundo Sampaio e Santos (2021), se concentra em sua imagem perante os outros, construindo uma persona cativante para manipular e distorcer a realidade de forma a ganhar simpatia e apoio, especialmente em relação aos filhos. Ela utiliza os outros como aliados contra seus próprios filhos, vitimizandose para consolidar sua posição de mãe.

Outra característica das mães com PPN é a valorização das aparências, então apesar das dinâmicas familiares desequilibradas, elas criam “versões da realidade” (mentiras) de um cenário familiar ideal para com os outros. Essa persona tem por objetivo distorcer a realidade de forma a ganhar simpatia e apoio do meio externo. Deste modo, o sofrimento psíquico dos filhos se torna mais intenso, pois além de serem violentados por essa mãe, esse sofrimento é descredibilizado pelo meio externo, graças a esse disfarce de família ideal que a mãe cria. (Sampaio e Santos, 2021, Lucas, 2022)

Outrossim, segundo Sampaio e Santos (2021), ser alvo de abuso por parte de uma mãe pode desencadear diversos tipos de angústia, tais como: depressão, transtorno de ansiedade, transtorno de pânico, transtorno de estresse pós-traumático, distúrbios alimentares, transtornos de personalidade (inclusive o narcisista, já que pode haver um fator genético envolvido), dependência de substâncias, entre outros.

A figura da mãe carrega uma grande carga emocional. Por esse motivo, mesmo quando são alvo de abuso psicológico extremo por parte de uma mãe narcisista, os filhos são frequentemente vistos como ingratos e desrespeitosos por ela. Devido ao foco nas aparências, os narcisistas criam uma persona encantadora para quem está ao seu redor, como já apontado. Manipulando e distorcendo a realidade de forma convincente, a mãe narcisista se vitimiza em relação aos filhos, buscando apoio dos outros em seu papel de mãe, por vezes inclusive usando-os contra os próprios filhos.

Além disso, as mesmas autoras (2021) revelam que as mães narcisistas se revelam possessivas em relação aos filhos, controlando-os por meio de ameaças, chantagens e abusos emocionais (e às vezes físicos), exigindo que se submetam mais. Assim, negligenciam e menosprezam a autonomia e o desenvolvimento normal dos filhos, sentindo-se ameaçadas pela independência natural deles e temendo perder o papel central em suas vidas. Essas dinâmicas intensificam a gravidade das circunstâncias dos filhos, que ficam aprisionados nessa relação tóxica.

Na primeira infância, o bebê absorve todas as emoções da mãe, incluindo o ambiente emocional durante a gravidez. Desde o nascimento até a formação de sua personalidade, por volta dos sete anos, ele é totalmente dependente da mãe. Nesse período, está aprendendo suas crenças sobre a vida, sobre si mesmo e sobre os outros.

A falta de validação das experiências da criança, no caso da presença de uma mãe narcisista, leva ao desenvolvimento de uma persona que não condiz que o sujeito real, criada a fim de sobreviver emocionalmente em um ambiente hostil, como apresentado por Sampaio e Santos (2021). Essa persona se manifesta na fase adulta, podendo levar a dificuldades de confiança, autoaceitação e expressão emocional.

À medida que a criança cresce, a mãe narcisista não amadurece emocionalmente, resultando em uma inversão de papéis. O filho se torna responsável pela mãe, suprimindo suas necessidades emocionais, enquanto a mãe busca constantemente validação e atenção. Isso gera uma dinâmica de culpa e responsabilidade emocional para o filho, que pode persistir na fase adulta.

Os filhos de mãe narcisista sofrem sozinhos, lutando para reconhecer seus próprios méritos e desenvolver uma identidade adulta. Crescer sem o amor e o apoio materno deixa marcas profundas, levando a dificuldades de confiança, relacionamentos saudáveis e autenticidade emocional. Esses efeitos são resultado de anos de abuso emocional e psicológico, que corrompem a autoimagem e a identidade dos filhos.

Ademais, há uma peculiaridade na relação mãe-filha, quando permeada por uma relação narcísica. Uma mãe narcisista raramente consegue expressar um amor genuíno e desinteressado por seus filhos. Elas frequentemente escolhem um dos filhos, geralmente do sexo feminino, para depositar seus próprios defeitos, usando-os como espelho para ocultar suas próprias falhas. Isso significa que ela identifica na filha os defeitos que são seus, não da própria filha. A Psicanálise interpreta esse fenômeno como um mecanismo de defesa chamado projeção, no qual o indivíduo atribui ao mundo externo características que, na realidade, são suas, mas que ele só consegue reconhecer nos outros e não em si mesmo.

Em conclusão, a dinâmica de relacionamento entre uma mãe narcisista e seus filhos é profundamente disfuncional e prejudicial, gerando impactos duradouros na saúde mental e emocional das vítimas. Conforme destacado por Sampaio e Santos (2021), a falta de empatia e a manipulação emocional são características centrais desse tipo de abuso, criando um ambiente de sofrimento psíquico que pode levar a diversos transtornos psicológicos. A necessidade de controle e a projeção de defeitos pessoais nos filhos, especialmente nas filhas, evidenciam a complexidade e a gravidade dessas relações tóxicas. É essencial reconhecer e validar a experiência das vítimas para promover sua recuperação e bem-estar, desmascarando as falsas aparências de normalidade criadas pelas mães narcisistas. Somente através do reconhecimento do problema e da busca por apoio adequado, os filhos de mães

narcisistas poderão romper com o ciclo de abuso e construir uma identidade saudável e autêntica.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, exploramos as complexidades do narcisismo nas relações mãe-filho(a), à luz da psicanálise. Iniciamos nossa jornada com uma análise da origem do termo narcisismo, remontando ao mito grego de Narciso, e então mergulhamos nas concepções teóricas de Freud sobre o desenvolvimento do narcisismo primário e secundário. Aprofundamos nosso entendimento sobre o papel crucial da maternidade na formação do narcisismo infantil, destacando tanto a sua faceta idealizada quanto a sua realidade complexa e multifacetada.

Ao abordar a figura da mãe narcisista, confrontamos a dicotomia entre o mito do amor materno incondicional e a realidade das relações mãe-filho(a) marcadas por uma gama de emoções ambivalentes. Exploramos as características diagnósticas do Transtorno de Personalidade Narcísica e sua manifestação nos comportamentos maternos abusivos, que criam um ambiente familiar hostil e prejudicam o desenvolvimento saudável dos filhos.

Ao analisar o contexto geral das mães narcisistas, destaca-se um padrão caracterizado por um foco excessivo em si mesmas, busca por validação externa e dificuldade em reconhecer as necessidades emocionais de seus filhos. Essa dinâmica narcisista pode impactar o desenvolvimento emocional e psicológico das crianças, influenciando suas percepções de si mesmas e do mundo ao seu redor. Além disso, foi essencial a diferenciação entre mães narcisistas e não narcisistas ao abordar a maternidade, pois as características específicas das mães narcisistas podem ter consequências distintas para o bem-estar e o desenvolvimento das crianças.

A lacuna na literatura sobre mães narcisistas e suas relações com os filhos destaca a importância deste estudo. Nossa pesquisa contribui para preencher esse vazio acadêmico, lançando luz sobre as dinâmicas familiares e interpessoais moldadas pelo narcisismo materno.

No entanto, é importante reconhecer as limitações deste trabalho. A complexidade das relações mãe-filho(a) e a variedade de manifestações do narcisismo exigem uma análise mais aprofundada. Futuras pesquisas poderiam explorar não apenas os efeitos do narcisismo materno na infância ao longo da vida adulta, assim como estratégias de intervenção para mitigar seus impactos negativos.

Em última análise, compreender o narcisismo nas relações mãe-filho(a) é essencial para promover melhorias nas relações familiares e para fornecer suporte

eficaz às pessoas afetadas por essas dinâmicas. Espera-se que este trabalho estimule debates e inspire novas pesquisas no campo da psicanálise clínica, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do papel do narcisismo na formação da identidade e no funcionamento psíquico dos indivíduos.

Referências

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-IV**. 4. ed. Washington, DC: American Psychiatric Association, 1994.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio De Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BENHAÏM, M. **Amor e ódio: A ambivalência da mãe**. São Paulo: Cia de Freud, 2007.
- CARNEIRO, H. F.. **Que Narciso é esse?: Mal-estar e resto**. Fortaleza: [s. n.], 2007.
- DUNKER, C. I. L.; KYRILLOS NETO, F. A crítica psicanalítica do DSM-IV: breve história do casamento psicopatológico entre psicanálise e psiquiatria. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 14, n. 4, p. 611–626, 2011.
- FREUD, S. **Freud Obras completas: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. [S. l.]: cidade Companhia das Letras, 2010. 312 p. v. 12.
- IACONELLI, V. **Mães são acusadas de narcisismo quando fazem o que um pai comum faria, diz psicanalista**. 2023. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cji80265q99o>>.
- KLEIN, M. **Contribuições à psicanálise**. 2. ed. Londres: Mestre Jou, 1981. 539
- KOHUT, H. **The Analysis of the Self: A Systematic Approach to the Psychoanalytic Treatment of Narcissistic Personality Disorders**. New York: International Universities Press, 1971.
- KOMNISKI, P. N. **A travessia da maternidade**. São Paulo: Editora Blucher, 2023. 269 p.
- LOBO, S. As condições de surgimento da Mãe Suficientemente Boa. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 67-74, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 mar. 2024.

MEYER, A. V. A metamorfose do narcisismo: Lacan, o estágio do espelho e a agressividade. **Rev. bras. psicanál**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 69-79, 2014.

MIRANDA, A. S. C. **Narcisismo e Perturbação de Personalidade Narcísica: Aspectos Clínicos e Diagnósticos**. U.Porto, 2020.

PELISSON, M. C. C. **O narcisismo na perspectiva de Otto Kernberg**. 2019. Tese de doutorado, Universidade Federal de Juiz de Fora. Repositório Institucional da UFJF. <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/13182>

ROUDINESCO, E. **Dicionário Amoroso da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

WINNICOTT, D. W.; DAVY BOGOMOLETZ. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio De Janeiro: Imago, 2000.